

interessantes histórias de vida de mulheres (finlandesas e italianas) que trabalham e cuidam simultaneamente de filhos e idosos dependentes, revelando a forma como racionalizam a sua situação e os seus compromissos, numa era multigeracional em que as trocas de ajuda e recursos entre gerações se tornam tão complexas. Estas mulheres (designadas como 'geração sandwich') que estão numa 'posição de ponte' confrontam-se em diversos momentos com a necessidade de negociar compromissos e soluções, notando-se nas suas histórias os impactos das diferenças culturais e estruturais entre os dois países.

Trine P. Larsen, no sexto capítulo, defende aquela que será, provavelmente, a tese mais polémica do conjunto do estudo, provocando a pesquisa contemporânea, ao negar a centralidade geralmente atribuída aos factores estruturais de cada país na explicação das dificuldades das famílias em matérias de conciliação. O argumento é que famílias com situações trabalho e família idênticas enfrentam os mesmos problemas de equilíbrio de esferas e responsabilidades, o que leva a autora a concluir que as especificidades nacionais são transcendidas por semelhanças estruturais nos arranjos de conciliação das famílias. Portanto, analisando nos vários países casais com situações sócio-profissionais e sócio-familiares idênticas, conclui-se que as diferenças nacionais não são determinantes como se tem julgado.

No sétimo capítulo, Simonetta Simoni e Rossana Trifiletti questionam alguns aspectos do novo tipo de família em expansão nos países mediterrânicos, resultante do aumento da esperança de vida. Trata-se da família multigeracional que tem vindo a implicar uma transformação nos modelos e práticas de acolhimento e cuidados, face ao esgotamento crescente da gratuitidade das soluções informais. As autoras procuram retratar a pressão em que se encontram particularmente as mulheres da geração *sandwich* em Itália, França e Portugal, chamando a atenção para a necessidade de um apoio e reconhecimento público a estas formas de reciprocidade familiar e de produção de capital social.

John Baldock e Jan Hadlow desenvolvem, no último artigo, uma outra dimensão fundamental desta problemática, ou seja, a persistência dos papéis sexuais e seus impactos. Partindo de uma reflexão em torno de dados quantitativos que revelam as tendências decorrentes da influência e determinação das

escolhas das famílias a partir de factores externos (acessibilidade dos serviços de equipamento, número e flexibilidade de horas de trabalho, nomeadamente), os dados qualitativos produzidos pelo estudo (e comparados com dados de outras pesquisas) vêm revelar que os (des)equilíbrios trabalho-família são, em grande medida, fruto das negociações dentro do casal, nas quais os homens dominam, fazendo prevalecer as suas preferências – 'veto masculino'.

O estudo termina com uma constatação pouco optimista, relativamente ao futuro das famílias e aos efeitos das reformas políticas para aliviar as pressões que sobre elas recaem. Segundo os autores, por mais flexível que seja o trabalho e as soluções de acolhimento, no coração do dilema trabalho-família estará sempre o problema da produtividade: a questão é ter muito para fazer, no tempo que se tem disponível, e demasiada incerteza na coordenação de todas as actividades que compõem a vida. As tendências para a intensificação da pressão sobre as famílias continuarão, como consequência da competição internacional e seus efeitos no mercado de trabalho. As famílias têm de gerir 'agendas' cada vez mais complexas e incertas e, além disso, ainda têm de lidar com a persistência dos papéis sexuais discriminatórios e o contínuo 'veto masculino' (p. 156).

Rosa Monteiro

Instituto Superior Miguel Torga

José Luís Pais Ribeiro. 2005. *Introdução à Psicologia da Saúde*. Coimbra: Editora Quarteto. 356 pp. ISBN: 989-558-045-2.

Este novo livro de Luís Pais Ribeiro é uma leitura de grande interesse para aqueles que, de um modo ou de outro, se encontram ligados à área da psicologia e não apenas, especificamente, da psicologia da saúde. É um livro longo dividido em duas partes, respectivamente, 'A Pré-história da Psicologia da Saúde' e 'Doenças e Intervenção'.

Na primeira parte, o autor aborda a emergência e evolução da psicologia clínica; a emergência da psicologia da saúde; a psicologia no campo da saúde e a evolução do campo da saúde; a saúde e as doenças; qua-

lidade em saúde; psicologia como ciência da mente com resultados comportamentais; epidemiologia. Na segunda parte, temos a referência a doenças; intervenção na saúde e doenças; intervenção nas doenças; o doente em contextos médicos; doenças de grande mortalidade e morbidade; stress e coping; aspectos psicossociais do fim da vida.

No primeiro capítulo, o autor faz referência ao facto de o conceito de psicologia clínica aparecer, inicialmente, relacionado com crianças com dificuldades de aprendizagem, passando depois a referir o espaço da doença mental, desde a década de 1930, até chegar ao desenvolvimento da psicologia clínica, como prática terapêutica, nas perturbações mentais. Seguidamente, é abordada a questão da psicologia como profissão no campo da saúde e, particularmente, da psicologia clínica como profissão.

Pais Ribeiro dedica o segundo capítulo às questões da formação em psicologia da saúde, referindo, igualmente, as áreas da psicologia da saúde e a sua contribuição para a psicologia clínica tradicional. Depois, são abordados aspectos novos da psicologia que se pratica no sistema de saúde, como sejam, por exemplo, a definição de quem é o cliente, a alteração ao nível da relação psicólogo-doente e tempo de intervenção, terminando este capítulo fazendo um pouco da história do que tem sido a psicologia da saúde em Portugal.

No terceiro capítulo, é feita uma apresentação do que o autor considera serem as três revoluções da saúde; seguida da apresentação dos diversos modelos de conceber a saúde e a doença, entre os quais se salientam o modelo biomédico, o modelo biopsicossocial, o modelo de saúde pública, o modelo de resultados e o modelo geral de saúde pública.

O quarto capítulo é, na minha leitura, um capítulo de referência do conjunto deste livro. Pais Ribeiro fala sobre a saúde e as doenças, começando por discutir o que é a saúde hoje e como se passou da concepção de uma saúde individual para uma saúde social, acrescentando, ainda, a saúde numa perspectiva ecológica (o que não é muito comum em livros sobre esta temática). Em seguida, é ilustrada a importância da saúde para todos os dias da nossa vida, assim como são referidos os principais componentes da saúde, terminando com a definição de doença e a relação entre saúde e doença.

Estreitamente relacionado com o capítulo anterior, o quinto capítulo trata da qualidade em saúde, começando o autor por nos indicar como avaliar a saúde, a doença, o bem-estar e a qualidade de vida. Neste sentido, são focados aspectos como a necessidade de uma definição clara de qualidade de vida, as filosofias subjacentes ao conceito qualidade de vida, as diversas definições deste constructo, os principais modelos de qualidade de vida e, finalmente, a utilização do conceito de qualidade de vida no campo da saúde.

De seguida, o capítulo sexto discute as várias classificações de doença mental, variáveis psicológicas, variáveis psicossociais e aos resultados comportamentais, fazendo uma alusão alargada e completa à personalidade, bem como à necessidade de o(a)s avaliar. Este capítulo termina chamando a atenção para a importância da origem dos hábitos e da necessidade de serem modificados.

A epidemiologia é o tema organizante do sétimo capítulo, salientando-se os principais factores de risco, nomeadamente, alguns comportamentos e atitudes menos adequados, o tabagismo, o exercício físico e a alimentação, e descrevendo-se a sua relação com os comportamentos de saúde. Depois, somos questionados se é possível a modificação do comportamento, a que o autor responde fazendo referência ao modelo de crenças na saúde, à teoria da motivação protectora, à teoria da aprendizagem social, à teoria da acção social, apenas para citar alguns dos modelos talvez mais conhecidos do leitor.

A segunda parte do livro é inteiramente dedicada às doenças e intervenção.

Assim, no oitavo capítulo, são classificadas as doenças, com especial ênfase nas doenças mentais, enfatizando-se, todavia, a própria dificuldade em qualquer processo de classificação e, fundamentalmente, na classificação das doenças mentais. É importante referir que este capítulo termina com a colocação de duas questões que abrem o caminho para os capítulos seguintes: 'O objecto da psicologia clínica são as perturbações mentais?' e 'Por que é que a psicologia clínica se tornou psicopatológica?'

No sentido orientado por estas questões, o nono capítulo é dedicado à intervenção na saúde e nas doenças, começando pela definição de saúde e de promoção e protecção da saúde, para depois ser feita uma alusão ao que se passa na Europa, para além de nos

traçar uma excelente perspectiva do que deve ser a promoção da saúde no século XXI. O autor faz ainda referência à saúde pública, dando grande destaque à protecção da saúde e à prevenção das doenças, apresentando alguns projectos de prevenção das mesmas, através, em particular, de uma alargada apreciação acerca dos rastreios na prevenção secundária.

O décimo capítulo diz respeito à organização das doenças e às doenças crónicas, sendo um texto que, ao contrário dos capítulos anteriores, já exige do leitor alguns conhecimentos mais técnicos e mais específicos.

No capítulo onze, é feita referência ao doente em contexto médico, situação esta que vai 'tocar' directamente o leitor. Assim, Pais Ribeiro começa por falar da reacção psicológica ao contexto médico – que, na minha opinião, constitui, de facto, uma questão crucial na experiência do doente – do mal-estar, sofrimento, dor, sentimentos acerca da doença, a informação que deve ser dada ao paciente e a forma como esta deve ser transmitida. O autor discute ainda, neste ponto, a adesão do doente ao tratamento, a colaboração do doente no tratamento, as determinantes psicossociais do empenhamento no tratamento e como lidar com o sofrimento e com a doença crónica em geral. Também neste capítulo são-nos apresentados alguns modelos relativos a esta temática.

No capítulo doze, são discutidas as doenças de grande mortalidade e morbidade. As doenças vasculares cerebrais – definição, consequências, intervenção, prognóstico, consequências sociais e impacto da doença na família. Os tumores malignos, salientando especificamente o cancro – definição, factores de risco, cura, tipos, variáveis psicossociais associadas, consequências psicológicas, necessidade de apoio psicológico para estes doentes e impacto da doença na família. A doença cardiovascular – insuficiência cardíaca, causas, sintomas, doença cardíaca coronária, factores de risco, efeitos da alteração do estilo de vida, treino de competências e necessidade de ajustamento psicossocial para estes doentes.

O stress e o coping constituem o tema do capítulo treze. Relativamente ao stress, o autor começa por traçar a história deste conceito, apresentando os modelos gerais de stress, assim como a complexidade inerente a este conceito. Seguidamente, são apresentados

alguns stressores e a eventual relação entre o stress e o sistema imunológico e a hereditariedade. Este tópico termina fazendo referência ao contexto profissional e ocupacional como fonte de stress e de burnout, seguindo-se uma enumeração de algumas doenças que podem ser provocadas pelo stress, assim como a intervenção psicológica adequada para lidar com esta situação. Quanto ao coping, o autor define este conceito através da sua evolução, focando a perspectiva psicanalítica e a perspectiva transaccional. É dada relevância às estratégias de coping para o ajustamento ou adaptação do indivíduo, assim como para a saúde e a doença, apesar de ser salientado que não podemos negligenciar as diferenças individuais existentes entre os sujeitos.

Finalmente, no capítulo catorze, são focados os aspectos psicossociais do fim da vida, a doença terminal, os cuidados paliativos, a eutanásia e a morte assistida.

O livro termina, utilitariamente, com um glossário de alguns aspectos de terminologia e com a apresentação de uma extensa lista de referências bibliográficas.

Susana Ramos

Instituto Superior Miguel Torga

António Teodoro e Carlos Alberto Torres (eds.). 2005. Educação Crítica e Utopia: Perspectivas para o Século XXI. Santa Maria da Feira: Edições Afrontamento. 195 pp. ISBN: 972-36-0757-3.

Quem conhece a vida académica, sabe como é difícil reunir um conjunto de trabalhos, sobretudo trabalhos expressivos sobre uma temática tão sensível quanto esta. Os organizadores que editam este livro colaborativo, António Teodoro e Carlos Alberto Torres, fizeram-no com sucesso, no âmbito de uma reflexão que articula teoria crítica e educação. Através dos seus dez capítulos, o livro procura contribuir para a compreensão da interactividade cultural, no contexto das mudanças e processos de globalização em curso. E procura, ainda, discutir como as escolas e os sistemas educacionais podem responder aos diversos dilemas que se colocam, sobretudo numa altura